Artes visuais

Editor: Luiz Ernesto M. Kawall; redatores, Fernando C. Lemos, Nelson Merlin

Bolsa de arte

LEILÕES E FEIRAS

Cr$ 1.020.000,00 alcançou o leilão de arte da **Galeria Ubirapuru**, vendidas 85% das obras expostas. Di Cavalcanti, paisagens, óleo, preço base de Cr$ 110 mil, não teve comprador. Maiores preços: Milton Dacosta, óleo, 59 x 28, Cr$ 51 mil; Bandeira, óleo 100 x 81, Cr$ 49.500,00; e Rego Monteiro, óleo, 122 x 87, Cr$ 45 mil.

Na **Espade**, leilão dias 11, 12 (tarde e noite) e 13, com total geral de Cr$ 220 mil, 95% das obras vendidas. Não tiveram compradores as duas principais peças apresentadas, Cicero Dias, óleo 58 x 71 e "Cabeça de Noêmia", terracota, Brecheret, 1946.

Dias 26 e 27, na Petite Galerie, leilão de Natal de 1974, com obras de 160 dos maiores artistas brasileiros. Irineu Angulo mostrará os lotes dias 23, 24 e 25, das 16 às 22 horas. Rua Haddock Lobo, 1397.

Feira de Festas da **Eucatexpo**, já aberta, com mini-quadros, escultura, joias, objetos de arte e cartões de Natal. Preço máximo, Cr$ 500,00.

No **Avalão**, a XI Feira de Natal de Emy Bombim, pequenos trabalhos de artistas de renome, Cr$ 50,00 cada.

A alegre tristeza de Gerda

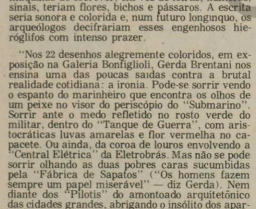
Gerda Brentani nasceu em Triste, está no Brasil desde 1939, aqui tendo estudado pintura e desenho com Ernesto de Fiore e cerâmica com Paulo Rossi Osir. Pratica o desenho humorístico, de que é pioneira consumada de várias exposições, aqui e fora, e edições (Habitat, Júlio Paccello, Abril). Artista participante, foi fundadora do Clubinho dos Artistas, que hoje presside. Atualmente expõe 22 trabalhos na Galeria Bonfiglioli. O crítico Harry Laus, num texto especial, assim vê a arte e o humor de Gerda Brentani:

"Se Gerda pudesse mudar o mundo, as teclas das máquinas de escrever, em vez de letras, números, sinais, teriam flores, bichos e pássaros. A escrita seria sonora e colorida e, num futuro longínquo, os arqueólogos decifrariam esses engenhosos hieróglifos com intenso prazer.

"Nos 22 desenhos alegremente coloridos, em exposição na Galeria Bonfiglioli, Gerda Brentani nos ensina uma das poucas saídas contra a brutal realidade cotidiana: a ironia. Pode-se sorrir vendo o espanto do marinheiro que encontra os olhos de um peixe no visor do periscópio do "Submarino". Sorrir ante o medo refletido no rosto verde do militar, dentro do "Tanque de Guerra", com aristocráticas luvas amarelas e flor vermelha no capacete. Ou ainda, da coroa de louros envolvendo a "Central Elétrica" da Eletrobrás. Mas não se pode sorrir olhando as duas pobres caras sucumbidas pela "Fábrica de Sapatos" ("Os homens fazem sempre um papel miserável" — diz Gerda). Nem diante dos "Pilotis" do amontoado arquitetônico das cidades grandes, abrigando o insólito dos apartamentos conjugados

Sorrindo ou não, a verdade é que permanecem o tanque de guerra e o submarino, as centrais elétricas, as fábricas e a especulação imobiliária. Mas fica também para nossa satisfação, o protesto de Gerda contra tudo isso. Um protesto a que não faltam flores ou algum detalhe barroco, como o gradil lírico escondendo o bicho da "Fábrica", ou dois anjinhos na campainha do "Telefone" — a tentativa gráfica de "humanizar" a máquina.

"Há sempre quem queira ver a propalada "mensagem" na obra de um artista. Outros se preocupam apenas com a realização técnica de cores, formas, os volumes, a composição, as cores). Gerda, sem prejuízo do lado anedótico do desenho, realiza seu trabalho sem esquecer nenhum dado teórico do problema. O resultado é sempre limpo, equilibrado, numa aparente apenas aparente e logicamente irônica. Quanto à "mensagem", como Gerda não pode mudar o mundo, faz concessões à sua arcaica Underwood, modelo "Fauna e Flora", e se entrega a dois sinais de triste realidade: % e ?. A percentagem da sobrevivência e dúvida sobre a validade de todas as coisas."



O humor de Gerda: engenhosos hieróglifos.

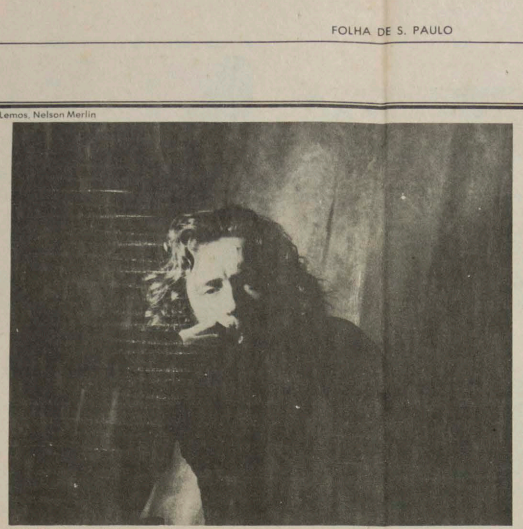
Abstratos, em mostra histórica e didática

Numa exposição de importante caráter didático e histórico, a Galeria Opus, R. Haddock Lobo, 1430, reune os artistas mais representativos da corrente abstrata no Brasil, desde a década de 50 até hoje. Essa é a segunda exposição da nova fase da galeria de Branca Krasilchick e Raquelita Calabrone, depois da reforma e ampliação recente de suas instalações. A primeira, também de acentuado tom cultural, foi a exposição "Presença de Bonadei entre os artistas", apresentada por Paulo Mendes de Almeida.

Na atual mostra estão expostos trabalhos abstratos antigos e recentes de Alice Brill, Wega, Wladislaw, A. Bonadei, Amaldo Ferrari, Di Prete, Donato Ferrari, Douchez, Fukushima, Heinz Kuehne, Maria Polo, Mabe, Maria Leontina, Tomie Ohtake, Toyota, Flexor, Sheila Braninghan, Sachico, Raimo, Ubirajara, Wakabajashi e Yolanda Molahyi. A exposição permanece aberta até o final do mês, no horário das 15 às 21 horas, excetos sábados e domingos.

"Artes Visuais" publicará domingo próximo uma apreciação crítica de Geraldo Ferraz sobre a importante mostra.

RECOMENDAMOS: A Galeria, **Mário Cravo Neto (esculturas, objetos, fotografias)**; Arte Aplicada, **Kjeld Boesen (joias)**; Bonfiglioli, **Gerda Brentani e Duval (desenhos)**; Cosme Velho, **Ernesto De Fiore (óleos e esculturas)**; Documenta, **Mário Campello (pinturas)**; Erotikus, **Gonzalo Ciunfuegos (desenhos)**; Guimar, **Wally Bandereck (desenhos e aquarelas)**; Opus, **Abstratos desde os anos de 50 (óleos)**; Simon Patrick, **Pierre Chalita (óleos e desenhos)**; Petite Galerie-Carlos Ranulpho, **A arte do cordel**; São Paulo: Belle Epoque, **livro de Benedito Lima de Toledo, ilustrações de Diana Dorotéia Danon, Museu de Arte de São Paulo.**



Cravo Neto, uma arte inspirada na natureza.

Cravo Neto: a sociedade orgânica do amanhã

ARACY AMARAL

"O homem da rua, a mulher que passa roupa e mulher costurando são temas que carregam em si uma carga de humanismo que é visto pelo artista como um começo, uma formação de algo. Todos os homens são capazes de notar, sentir e amar certas situações, certos momentos, certas formas da natureza; mas alguns se perguntam e se envolvem, porque o seu fascínio é mais que uma contemplação e sim um fonte eterna no qual ele se nutre desta grande mãe que é a natureza, tirando-lhe a seiva para a mutação e transmissão do seu eu em uma forma, uma realidade, ou uma simples expressão no seu olhar (arte)".

Mario Cravo Netto

Um artista jovem me interessa na medida em que o sinto intensamente vinculado ao seu meio ambiente. Dessa ligação decorre, não raro, um relacionamento com a informação procedente de áreas e culturas outras que não a sua, porém essa consequência é inevitável e até nutriente em função de uma renovação ou e ampliação de sua forma de expressão. E nessa linha de raciocínio que há uns quatro anos acompanho com otimismo o desenvolvimento do trabalho de Cravo Netto, 28 anos, natural e residente em Salvador, Bahia, depois de andanças pelo mundo, que impulsionaram sua formação como artista, e que está expondo agora em "A Galeria".

Há em Cravo Netto duas facetas que nos fazem expressar esse otimismo: a primeira, até rara, entre os de sua geração. Sua produção é constante, intensa, vivificante, multíplia (como a do jovem Gregorio, de São Paulo, como a do madura e prolífica Mira Schendel); ele vai da fotografia ao objeto tridimensional, dêste ao cinema ou ao audio-visual, da arte ambiental à ecológica. Mas, contrariamente aos que vivem em dificuldade de concreção através de um objeto, ele produz, e pesquisa, incessantemente.

Há na Bahia, (e isso é facilmente detectavel, como aliás explicável) uma presença esmagadora do passado, artisticamente falando. Há o barroco colonial na decoração das igrejas, há o casario dos séculos XVIII e XIX, os grandes sobradões tantas e tantas vezes inspiração de pintores fascinados pela atmosfera passada, que se espreita sabe-se lá onde nas ruelas tortuosas. Há a presença do folclore afro-brasileiro, cultura baiana autêntica, criação do reconcavo, projetando uma maneira de comer, de vestir, de formas (em joias, em ferro, em madeira, em instrumentos), de música, que projetam um ritual e uma mentalidade que procede da Bahia. Daí porque é rara, como é difícil, do baiano escapar da atmosfera envolvente que o relaciona com um estado de espírito que já cessou de ser, e daí porque é difícil ao artista da Bahia tentar dizer de uma nova postura, oriunda de toda essa carga cultural, fiel a ela, porém projetada para o futuro pôsto que com os pés no momento presente. Rubem Valentim, é verdade, incorporou objetos de rituais religiosos afro-brasileiros, compondo-os numa estilização que tinha muito a ver com as estruturas geométricas entre nós, representando um esforço no período do concretismo entre nós, representando um esforço do não-atrelamento indiscriminado ao abstracionismo internacionalista (holandês, ou suiço, como influencia, e paralelo ao argentino).

Mas em nossos dias, onde a fragmentação quase total de uma realidade cultural brasileira — em formação, porém no Nordeste, menos gelatinosa — é quase absorvida pela padronização do contramento artístico das novas tendências internacionais, a presença de Cravo Netto é significativa. Já sua exposição primeira na Galeria Documenta há uns quatro anos, o veio revelar individualmente ao público de São Paulo através de suas "paisagens" — maquetes, ou tubos cilíndricos de clara alusão fálica, em acrílico transparente plenos de faixas sobrepostas de areia colorida, referência fácil ao artesanato nordestino que cria com habilidade incrível até imagens em garrafas fechadas e cheias com areia de cores diversas. Muitos desses cilindros de Cravo Netto já apareciam com a presença vegetal — plantas como musgos — um tanto indiferente o artista ante observações de que eram antes vasos que esculturas. Para ele, e isso era importante, essas peças representavam como uma fusão entre dois mundos, o tecnológico e o orgânico, e o presente-passado integrados. Um objeto projetado — desenhado, portanto — representado pelo recipiente, e as formas orgânicas naturais — a vegetação —, em constante mutação, se desenvolvendo vivas nesse espaço meio-projetado pelo artista, meio-obra aberta diante de sua extensão em relação ao exterior. Já as "paisagens-maquetes" (a denominação é nossa) pareciam antes uma alteração da paisagem pelo artista, interferindo na natureza num paisagismo em projeto (nem sei se alguma foi realizada em grande). Porém, nessa manipulação da natureza, nessa sua transformação dela em paisagem (como diria o Décio Pignatari), nos elementos incorporados pelo artista ao conjunto, ele se resguarda de ferí-la com formas que possam parecer impostas, como uma agressão, uma violentação através de um projeto. Ocorre aqui, nas peças de Cravo Netto, um se integrar ao meio-ambiente natural, um aceitar a condição orgânica, ou melhor, um como anseio de nela repousar através das formas criadas e harmoniosamente oferecidas ao seio do que ele mesmo denominou de "mãe natureza", com outras palavras. Formas ovoides, ameboides, as curvas presentes como uma constante. Mesmo os grandes "painéis" de fibra de vidro, elementos verticais que, reunidos se compõem como uma grande superfície retangular, são na verdade unidades realizadas em moldes de meio-cilindros, onde até as retas dos perfis se desfazem nas fibras de vidro que são sua textura acolhedora (mas meio sem jeito ele ainda aconselha o espectador para que nada tema à aproximação da peça: "se entrar nos dedos algum resíduo da fibra de vidro, é só passar falco, vai tem problema...."). Na verdade, formas mansas, não agressivas, angulosidades ausentes (até o grande quadrado cortado ao meio, diagonalmente, é composto do elemento "curvo", através do módulo meio-cilindro) e o artista explica que sua destinação ideal, na sua concepção, para esta grande superfície quadrada em relêvo (como as sondas de seus trabalhos presentes nesta exposição, com exceção de algumas peças de acrílico tridimensionais, de há três anos) seria sua inserção ao ar livre, em meio ao verde de um gramado, onde a vegetação poderia subir pelas formas cilíndricas, por entre as frestas das unidades justapostas, o resultado inevitavelmente sendo o desfazimento do quadrado — única forma angulosa aparente da exposição.

Assim, estas peças em materiais novos (poliester, fibra de vidro, acrílico leitoso ou transparente, que é contraposição a essa tecnologia avançada, por sua forma e pela própria proposição do artista, dirigidas a se encaixarem harmoniosamente na natureza. Como frutos dela (pedras, frutas, fósseis fendidos ao meio, peixes) a mente e o cientifismo do homo do artista funcionando antes como radar a detectar a necessário de um retorno renovado: "A escultura — diz ele — é para ficar ao ar livre com coisas vivas integradas na natureza, dando um pequeno reflexo da presença humana. Está é minha meta para o futuro próximo". Assim, esse objetivo do artista, de "tentar descobrir uma relação entre meio-ambiente, paisagem e percepção humana" se aplica também ao seu trabalho até aqui realizado com fotografia, filmes em super-8 ou audiovisuais, que não são para ele um apêndice de sua atividade artística, mas representam, como seu trabalho de escultor, uma sona-síntese de sua experiência humana, una. Empunhando a câmara — tecnologia — ele penca, numa constante, os elementos básicos da vida — a natureza — como o fogo, a água, a vegetação, a areia. A sua poética, em seu deslumbramento diante das nuvens que se esgarçam no céu ou de um cão que espreguiça ou de uma criança ao nascer é um gesto importante, em nosso país: é o de aceitação de sua realidade e o desejo implícito de nela se inserir. Em sua expressão dessa realidade não há, por certo, o da interpretação contestadora. Mas está presente a contribuição singular: o da pesquisa de uma linguagem poética, nova, ligada à sua terra, e, por consequência universal.

Odriozola: manchas, marcas e sinais

Lua — Illargui; Terra — Lur; Água — Ur; Chuva — Euri; Sol — Eguskiya; Mar — Itxaxo; Fogo — Su.

É Fernando Odriozola falando da língua basca de sua província espanhola, fronteira com a França, no norte dos Pirineus. Odriozola conhece a história do País Basco como a palma de sua mão e fala horas seguidas de reis e rainhas, guerras, conquistas, invasão napoleônica, romanos, celtas, idiomas e dialetos.

— Veja — disse o artista — o **ex-presidente Medici tem o nome Garrastazu (com acento no "rras" e não no "u"). E um nome basco que significa "teimoso".**

Odriozola gosta de remembranças, vai longe na antiguidade de sua terra, chega às origens orientais remotas. O jornalista Carlos Maria de Araújo por essa razão disse — conta-nos o próprio artista — que ele esconde idade. Em tom de blague falou que Odriozola tem 500 anos.

É um homem simples, autêntico. Um homem que não gosta de isquemo, de relógio, de automóvel. É sobretudo um artista. Um artista forjado no trabalho diário. Um auto didata que não acredita no ensino da arte.

O desenho de Odriozola é mais que um simples desenho. Ultrapassa as fronteiras com a pintura (que fronteiras? Quem é capaz de dizer onde acaba o desenho e começa a pintura?). Geraldo Ferraz foi feliz na definição do trabalho de Odriozola: papirapintura (desenho-pintura). E sem dúvida um desenho-pintura do mais alto nível, trabalhado minuciosamente com bem postas camadas de cores (nanquim colorido), marcas, sinais, e um detalhe que é constante: a Lua, sua velha conhecida "illargui" basca. Desenhos que sugerem animais ou entidades acéfalas em metamorfose, mamíferos tendendo para o peixe, aves. Paisagens onde as valores são simbólicamente representadas por elementos eminentemente gráficos.

O artista não sabe explicar aqueles sinais quase símbolos. Surgem. Nascem espontâneamente. São sinais puros, abstratos, com certas relações ou afinidades com o Oriente de Odriozola. Talvez o misticismo explique tudo.

— O basco — lembra — é um povo afim com o aino (norte do Japão), com o húngaro, com o finlandês, com o esquimó. **As línguas têm as mesmas raízes.**

A obra de Odriozola nos faz pensar num surrealismo na linha de Max Ernst. Una tons escuros, profundos. O artista escurece áreas e deixa superfícies luminosas. São sutis as suas cores. Consegue negras chapados onde são vistos o vermelho, o azul, o amarelo, o violeta. Ele arranca efeitos e cria certa magia, certos mundos somente seus, como se fosse um mágico que tira da cartola touros, sereias, corujas, pombos. Seres que nascem de misteriosas manchas e sinais.

Seus desenhos são quase sempre divididos em plano de luz entre planos de sombra. Claro, escuro. Noite, dia. Outros desenhos são menos elaborados, mais gráficos, mas todos com a marca registrada de Fernando Odriozola, esse homem de traços marcantes e marcados.

O surrealismo em exposição

Uma exposição de cêrca de 50 obras dos expoentes principais do surrealismo ortodoxo — estrategeiros e brasileiros — e que será a mais importante já realizada num museu de arte ou instituição cultural, será mostrada a partir do dia 28 na Galeria Portal, em São Paulo. Para realizá-la, seus promotores, Mário e Malvina Gelleni, proprietários da galeria desde 1971, trabalham silenciosamente desde o início do ano, arranjaram empréstimos — toda a exposição está avaliada em cerca de Cr$ 1 milhão —, viajaram à Europa, e contaram com a ajuda indispensável de um grupo de intelectuais e "designers", entre os quais Francisco Luiz Almeida Salles, Delmiro Gonçalves, Josael de Oliveira, Massao Ohno e outros. A Fundação Cinemateca Brasileira cedeu três filmes sobre o surrealismo, que serão exibidos no decorrer da mostra.

A exposição "50 anos do Manifesto de Breton" exibirá obras dos seguintes artistas: Picasso (uma gravura), Costa Pinto (3 óleos), Otávio Araujo (um óleo, um desenho e 6 gravuras), Cícero Dias (2 óleos e uma aquarela), Walter Lewy (3 óleos), Campanella (3 óleos), Ismael Neri (1 óleo), Max Ernst (2 gavuras), Man Ray (2 gravuras), André Masson (2 gravuras), Salvador Dali (12 guachados), Wilfredo Lan (2 gravuras), De Chirico (2 óleos), Magrite (3 gravuras), Labisse (2 gravuras), Matta (2 gravuras), Juan Miró (2 gravuras). Haverá ainda um óleo da fase surrealista de Di Cavalcanti. Todas as obras estão à venda, a preços variando entre Cr$ 1.300,00 e Cr$ 400.000,00.

Disse-nos Mário Gelleni sobre a mostra da Portal:

— Nossa galeria, a primeira a trazer obras de Picasso ao Brasil, em 1971, quando o genial artista completava 90 anos, realiza agora uma mostra da maior importância, que comemora os 50 anos do Manifesto de Breton. Aí estão, à disposição do público de São Paulo e do país, gravuras e óleos originais, inéditos, dos maiores nomes do surrealismo ortodoxo, de fora e daqui, em todos os tempos. Tivemos o cuidado de estudar o surrealismo em geral e a importância de cada participante, contando para tal com a colaboração desinteressada de elementos da "inteligencia" paulista, como Francisco Luis Almeida Salles e Delmiro Gonçalves, que, aliás, escreveu a apresentação do catálogo. A Cinemateca Brasileira colaborou e permitiu que a galeria exiba, em dias ainda a serem anunciados, três filmes sobre o surrealismo, dois realizados por Buñuel e um por Jean Cocteau. O próprio Almeida Salles se incumbirá da palestra inaugural da mostra, o que já de si dá importância maior a exposição. E quanto ao catálogo, é uma peça que fica à disposição dos estudiosos e interessados no surrealismo, com reproduções dos retratos dos artistas; e de suas obras, textos explicativos sobre o surrealismo, num trabalho gráfico de alto nível de Massao Ohno. Com isso, a Galeria Portal abre suas portas, mais uma vez, a uma exposição internacional, à altura do nível cultural do nosso público, como já fizeramos anteriormente com Picasso, Berrocal, Folon, Dali e Vassarely.

Os filmes que serão exibidos: "Le Chien Andalou", de Buñuel e Dali; "L'Age d'or", de Buñuel, e "Le Sang du Poet", de Cocteau.

Gravuras de Labisse e Miró, em exposição a partir do dia 28.

Ernesto De Fiori pintor no Brasil

ARTHUR OCTÁVIO C. PACHECO

De Fiori nasceu em Roma, em 1884, filho de pai italiano e mãe austríaca. Aos dezessete anos partiu para Monaco onde estudou desenho e pintura com Otto Greiner, após o que dirigiu-se a Londres em 1909.

De 1912 a 1914 encontrava-se em Paris e, já iniciando-se na escultura, deslumbrou-se com as obras de Maillol e Despiau.

Chegando a Berlim, ainda em 1914, naturalizou-se alemão e lá ficou até o segundo conflito mundial. Como artista participou da Primeira Guerra Mundial na frente francesa.

Indo para Zurique, no ano de 1918, aí produziu as esculturas "Bagnante" e "Soldado", "Narciso" e "Caminatore", que suscitaram admiração intensa.

Data de 1919 o início de seu sucesso na Alemanha, o qual se estenderá até a subida de Hitler ao poder. Então, havia esculpido as cabeças de Hindenburg, Marlene Dietrich, Elisabeth Berguer e o túmulo da família Merck em Darmstadt.

A exemplo de outros grandes artistas abandonou a Alemanha em 1936, pois não mais suportava os métodos hitleristas.

Vindo para o Brasil aqui procurou, enquanto aguardava o término da Segunda Guerra Mundial, se integrar no meio artístico local, onde sua presença foi da mais alta valia, quer pelo contato mantido com nossos artistas, quer pelos artigos publicados na imprensa, quer, enfim, pela obra produzida.

Com efeito, foi em São Paulo que De Fiori voltou a pintar e tal fato, em se tratando de escultor já consagrado, tem indicações e estudiosos.

No entender de Emílio Mazza o artista "como por um retorno nostálgico às aspirações juvenis, reiniciou a pintar. Foi como uma necessidade de renovação, de libertação da aprendida escravidão da escultura — necessariamente estática, limitada, monocroma — e de evasão na pintura, que é cor, movimento, liberdade de expansão". ("O Estado de São Paulo" — Suplemento Literário de 6-9-1969).

Para Luiz Martins o motivo vem assim explicado: "A aventura pictórica de De Fiori no Brasil decorre, creio eu, de duas razões: a primeira é que quer se apossar de um novo instrumento de expressão. Mas tem, também, o seu aspecto dionisíaco, que é o alegre jogo de permanente renovação, a renovação, a sobrevivência, a vitória sobre a morte. A pintura lhe proporcionava uma nova adolescência. Na escultura ele chegara ao cume de suas ambições, era um mestre, conhecia todos os seus segredos e exigências, dominava soberanamente a matéria. Precisava reconquistar o tempo, voltar aos anseios às inquietações, às pesquisas iniciantes do artista que começa. No Brasil, Ernesto De Fiori iniciou um novo e derradeiro ciclo de sua vida e de sua carreira artística, exprimindo o seu transbordante lirismo nas possibilidades infinitas das cores." ("A Pintura de Ernesto De Fiori")

Outro mestre da crítica que se preocupou com o assunto foi o saudoso Sergio Milliet, que assim se manifesta: "De Fiori foi antes de tudo, e para todo mudo, um escultor. Mas do que isso: um grande escultor. E mais ainda: um dos maiores escultores do século, somente comparável a Maillol e Despiau. Entretanto, no fundo, sempre quiz realizar-se como pitor e deu sempr à pintura um lugar privilegiado na sua atividade artística. Nos últimos anos de sua vida esse lugar chegou mesmo a ser avassalador. A escultura pesava-lhe quase como m atarefa necessária mas a pintura era seu encanto. E consistia ava sem dúvida alguma muito mais expressiva e confidenciais as suas telas que as suas estátuas." ("Ernesto de Fiori e o derivativo da pintura").

Como se vê, divergem os críticos quanto à motivação que teria levado De Fiori a retomar a pintura, apenas e de há muito iniciada na Europa.

Agora, passado tanto tempo, o que nos dá mais clara perspectiva sobre os meios artístico e consumidor de arte, o primeiro ainda provinciano e o segundo quase inexistente no decênio 1933-1945, somos levados a acrescentar mais uma hipótese no sentido de esclarecer a razão daquela atitude.

Pois bem. Os que de perto conhecem o gosto do público em geral sabem que, ainda hoje, poucíssimas esculturas são vendidas. As galerias os arte e os leiloeiros que o digam.

Existe da parte dos colecionadores, com raras e dignas exceções, certo retraimento com relação à compra de esculturas. As residências brasileiras, mesmo em termos de São Paulo e Rio, se apresentam desprovidas dessas peças.

Certamente, a falta de conhecimento, ou ainda de simples informação sobre as técnicas de esculpir e as obras dos mestres, contribui para tal comportamento do público comprador.

Isso, repetimos, ocorre no momento presente quando já não se pode ignorar a existência de promissor mercado de arte.

O que pensar, pois, do acanhado ambiente em que atuava De Fiori no decênio acima apontado? Esculturas ele as produziu aqui, e excelentes; se mais não fez, responsabilize-se o desinteresse.

Ora, o artista, muito possivelmente, trouxera fortuna ilimitada e o tempo de sua permanência entre nós se alongava além do esperado, porquanto não se vislumbrava sequer prenúncio de paz no Velho Continente.

Da pintura, conforme se lê nos três depoimentos supra transcritos, de todo não se esquecera e dentre os motivos para retomá-la avultava, pensamos, o de obter maiores recursos para a sua subsistência.

Realmente, ontem como hoje, a pintura, tanto a óleo como a guache, encontra mais fácil consumo.

Assim é que, em março de 1941, ele realizou na rua Barão de Itapetininga exposição na qual, além de esculturas, figuravam óleos e guaches. Mário de Andrade que já conhecia as primeiras encantou-se com as pinturas.

Mas, qualquer que haja sido a razão preponderante do regresso de Ernesto de Fiori à pintura, o que nos comove é a alta qualidade e o poder de criação nela evidentes.

Sim. E o que, com frequência, deparamos nas cenas de batalha, nas regatas à vela ou a represa de Santo Amaro, nas paisagens, nas naturezas mortas, nos vasos com flores, nos jogos de Jorge em luta com dragões, nas tomadas de rua com caminhantes apressados, nas vistas da cidade e nos grupos de pessoas ou casais em atitude de diálogo, assuntos que mereceram a preferência do renomado artista e que revelam, em muitos casos, algo de pungente. Pesava-lhe o exílio?

Essa obra, marginalizada logo após a morte do mestre em 1945, receberá o reconhecimento da crítica atual e do público, acreditamos, quando da retrospectiva nesta semana inaugurada em São Paulo.

V Salão AC começa amanhã

O V Salão Paulista de Arte Contemporânea será inaugurado amanhã, às 21 horas, no segundo andar do pavilhão da Fundação Bienal de São Paulo, com a entrega dos premios aos artistas laureados este ano. O primeiro premio, "Governador do Estado", foi atribuido a Lothar Charoux, que apresenta desenhos.

Os outros premiados foram Megumi Vasaa — Premio Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo — com esculturas; Mauricio Nogueira Lima, pintura; Marcos Concilio, Desenho; Jose Dedilago, gravura; Nicolas Vlavianos, escultura; e Geraldo Mayer, objeto — estes últimos como Premio Conselho Estadual de Cultura.

24-11-74